

É POSSÍVEL ENSINAR A PENSAR?

REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E PENSAMENTO EM HANNAH ARENDT

CRISLEI DE OLIVEIRA CUSTÓDIO – (Universidade de São Paulo)

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão acerca das relações existentes entre educação e pensamento à luz das ideias de Hannah Arendt sobre tais conceitos. Com base na noção arendtiana de que o pensamento consiste em uma atividade do espírito que se dá por um diálogo interno, no qual o sujeito se cinde em dois para examinar uma experiência e a ela atribuir sentido, pretende-se discutir possíveis intersecções entre a formação das novas gerações e o exercício do pensar, problematizando o papel da escola e do professor. Desse modo, trata-se de um estudo de cunho filosófico que tem como objetivo central a reflexão sobre o significado de uma educação que tem como fundamento a apresentação e a inserção de jovens e crianças no patrimônio histórico cultural acumulado, com vistas a torná-los familiarizados com o mundo e cômicos do lugar em que o apreendem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Pensamento; Diálogo; Hannah Arendt.

IS IT POSSIBLE TO TEACH HOW TO THINK?

REFLECTIONS ON THE CONCEPTIONS OF EDUCATION AND THOUGHT IN HANNAH ARENDT

ABSTRACT: This paper proposes a reflection on the relations between education and thought in the light of the ideas of Hannah Arendt. Based on the Arendtian notion that the thought consists on an activity of the spirit, happening through an inner dialogue and in which the subject splits into two in order to examine and give meaning to an experience, the article aims at discussing possible intersections between the formation of new generations and the exercise of thought, discussing the roles of the school and of the teacher. It is, therefore, a philosophical study and its central goal is the reflection on the significance of an education founded on the presentation and insertion of young people and children in the accumulated historical and cultural patrimony, intending to familiarize them with the world and make them aware of the place in which they perceive the world.

KEYWORDS: Education; Thought; Dialogue; Hannah Arendt.

INTRODUÇÃO

Em seu estudo sobre o pensar – uma das atividades do espírito, tal como o querer e o julgar –, Arendt toma Sócrates como arquétipo do sujeito pensante, ou seja, ele é em si o modelo que expressa a atividade do pensamento. Assim, com base na premissa socrática de que é melhor estar em desacordo com o mundo inteiro do que, sendo um só, estar em desacordo consigo mesmo, e a partir da ideia, também socrática, do diálogo interno do sujeito que se cinde tornando-se *dois-em-um* e que examina uma questão até esclarecê-la, a autora constitui sua concepção acerca do pensamento.

Ao estabelecer Sócrates como protótipo do pensar, a autora não se propõe a analisar uma figura histórica, mas sim a conceber um símbolo, uma representação tangível que possa ilustrar uma atividade invisível que se dá no espírito humano. Portanto, Arendt

retira Sócrates da sua época, confronta-o com Maquiavel, Heidegger, ou Eichmann; e desenha uma figura mais simbólica do que histórica. Ela própria se explica em *A Vida do Espírito* sobre esta conversão de uma personagem histórica em ‘modelo’ recorrendo à expressão weberiana de ‘tipo-ideal’. O tipo-ideal é uma figura

emblemática, um homem (ou um acontecimento) que é um exemplo privilegiado: na sua própria particularidade, ele tem o poder de revelar alguma coisa que ultrapassa essa particularidade, uma generalidade que não se poderia determinar de outro modo (VALLÉE, 1999, p.20).

A partir desse tipo-ideal, a autora desenvolve um conceito de pensamento, bem como a organização e localização do pensar como atividade do espírito. Arendt se dispõe, pois, a investigar fenomenologicamente o pensamento, tendo como premissa que essa atividade se institui por um diálogo interno e que se distingue da busca pelo conhecimento.

Para a autora, o conhecer é uma faculdade do intelecto que diz respeito à produção e à apreensão do conhecimento científico e tecnológico e, portanto, de natureza empírica e factual. O pensamento, por sua vez, é uma faculdade que não requer saberes específicos, pois é reflexivo e destina-se ao exame de questões gerais por meio do diálogo entre o sujeito e seu eu interior, com vistas à atribuição constante de sentido às experiências.

De acordo com essa abordagem, o pensamento se dá no interstício do passado e do futuro, em uma zona atemporal na qual o sujeito é absorto pelo diálogo de si para consigo mesmo. Por romper com a linearidade do tempo, situando-se entre o passado e o futuro e, portanto, sendo pressionado pelo passado que o lança para frente e pelo futuro que o empurra para trás, o sujeito, na defesa de sua presença, produz um desvio do fluxo temporal em uma espécie de paralelogramo de forças. Assim, “a localização do ego pensante no tempo seria o intervalo entre passado e futuro, ou seja, o presente [...], uma mera lacuna no tempo em direção ao qual, não obstante, passado e futuro se dirigem, à medida que indicam o que não é mais e o que ainda não é” (ARENDRT, 2008, pp.230-231). Essa lacuna é o espaço do pensamento, pois, ao pensarmos, tomamos distância suficiente do passado e do futuro para buscarmos o seu significado, assumindo o lugar do árbitro que nunca chega a uma resolução definitiva.

Ora, essa imagem do tempo e do lugar do pensamento é aplicável apenas ao domínio dos fenômenos espirituais, não podendo ser transposta para a noção de tempo histórico e biográfico – já que ali não há lacunas. Aliás, embora não pretendamos analisar aqui essa dimensão da atividade do pensar, dada sua grande complexidade na obra de Arendt, cabe-nos destacar a afirmação da autora de que

este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo (2003, p.40).

Desse modo, embora o pensamento, como atividade do espírito, não seja um legado que se passa deliberadamente adiante, cremos que a educação, como processo de iniciação em certos saberes e transmissão de um cabedal histórico e cultural acumulado, possa fomentá-lo por meio da apresentação de atores e perspectivas diferentes do mundo. É pela circulação da palavra e da opinião que, em nossa concepção, favorece-se o exercício do diálogo interno consigo mesmo.

A ATIVIDADE DO PENSAMENTO

O pensamento, de acordo com Arendt, é a atividade do espírito em que o sujeito estabelece um diálogo de si para consigo mesmo nos momentos em que está só, ou seja, quando ele dispõe apenas da própria companhia. Estar só é condição para o pensar, tal como o desligamento das demais atividades do mundo e do que se passa na ocasião em que estamos absortos no pensamento.

Estar só, porém, não é algo que deva ser confundido com solidão ou isolamento. Embora no uso cotidiano, por vezes, não distingamos esses termos e os empreguemos como expressões similares para definir diferentes situações em que estamos ou nos sentimos sozinhos, Arendt os concebe de modo distinto. Para ela, estar só (*solitude*) significa que, apesar de sozinho, o sujeito ainda dispõe da sua própria companhia, tem um eu interno com quem pode conversar, de maneira que se cinde em dois – tornando-se *dois-em-um* – para travar esse diálogo consigo mesmo e, uma vez interrompido por outra pessoa ou pelo início de uma atividade qualquer, volta a ser um só, cessando o diálogo que estabelecera internamente.

Esse eu interno que lhe faz companhia e com quem ele é capaz de dialogar em silêncio pode emudecer-se, ao ponto de o sujeito não ter interlocutor para empreender a atividade do pensamento – ou seja, a conversa de si para consigo mesmo. Isso pode ocorrer porque ele não quer falar e ouvir a si mesmo ou porque não tem interesse, tempo ou condições necessários para levar a cabo o exame de uma questão, desligando-se do mundo exterior que lhe rodeia. Assim, quando não está acompanhado de si mesmo para iniciar essa conversa silenciosa que se dá dentro do seu interior ou quando, por algum motivo, esse diálogo se interrompera e não fora retomado, o sujeito pode buscar a companhia de outras pessoas ou de outras coisas – livros, música, filmes, entre outros. Contudo, se não conseguir estabelecer contato com eles de modo a não se sentir sozinho e entediado, seja na relação com pessoas ou com objetos, se encontrará em solidão (*loneliness*).

A solidão, pois, é o estado no qual o sujeito se encontra desacompanhado de si e dos outros e, para que isso aconteça, não é preciso a total ausência de pessoas; pelo contrário, ele pode estar em meio a uma multidão e se sentir completamente solitário. Já o isolamento (*isolation*), por sua vez, é o modo de estar sozinho no qual não se está nem junto a si mesmo nem na presença dos outros, mas sim preocupado com as coisas do mundo. No momento em que uma pessoa se dispõe a produzir algo, a ler, a estudar ou a montar um objeto, por exemplo, ela precisa se isolar da presença dos outros e até de si mesma para que possa se concentrar em determinada atividade.

A distinção entre tais modos de estar sozinho nos serve para compreender a condição e a natureza da atividade do pensamento, atividade essa que se dá quando o sujeito está só e estabelece um diálogo de si para consigo mesmo. Nesse sentido,

estar comigo mesma é articulado e tornado real nos processos de pensamento, e todo processo de pensamento é uma atividade em que falo comigo mesma a respeito de tudo o que me diz respeito. Passarei a chamar o modo de existência presente nesse diálogo silencioso de mim comigo mesma de *estar só (solitude)* [...] O estar só significa que, apesar de estar sozinha, estou junto de alguém (isto é, eu mesma) (ARENDR, 2004, p.163).

É por meio do estar só que o pensamento torna-se possível, pois, quando o sujeito está só, ele tem a sua própria companhia para empreender um diálogo a respeito de tudo aquilo que se passa com ele e com o mundo em geral. É nesse momento que ele efetiva a condição que todo sujeito dispõe: a de cindir-se em dois, fazendo soar duas vozes que dialogam entre si. Isso é o pensamento, ou seja, a capacidade de conversar consigo mesmo, colocando-se perguntas que serão respondidas e debatidas por si mesmo em um processo que se faz e se refaz continuamente, sem nunca chegar a um fim definitivo e inequívoco.

Segundo Arendt, todos os homens são *dois-em-um* não apenas no que concerne à consciência de si (*consciousness*) – a faculdade cognitiva pela qual nos tornamos cientes de nós mesmos – e autoconsciência – “de que, faça o que fizer, estou ao mesmo tempo, de algum modo, ciente de fazê-lo” (2004, pp.156-157) –, mas sim “no sentido muito específico e ativo desse diálogo silencioso, de terem uma interação constante, de estarem em condições de poder falar consigo mesmos” (*idem*, p.157). Dessa forma, a autora afirma que, se a faculdade da fala

e do discurso nos distingue das demais espécies animais, nessa conversa interna que o sujeito estabelece de si para consigo mesmo é que a sua qualidade especificamente humana é testificada.

A reflexividade do pensamento, que se dá pelo fato de que todo sujeito dispõe de outro eu – o mim mesmo – com quem pode dialogar silenciosamente, ocorre nesse processo no qual ele se coloca perguntas e ele mesmo as responde por meio da conversa que mantém quando está só consigo mesmo, quando é capaz de falar e ouvir apenas a si mesmo. Portanto,

pensar é entregar-se a um diálogo silencioso: refletir, interrogar-se, hesitar, condenar-se, lamentar, duvidar. Todos estes termos são marcados por uma dualidade. Arendt não é certamente a única a tirar a consequência seguinte: não é a atividade de pensar que unifica o ser pensante. Quando eu penso nunca sei exatamente quem sou, porque não há pensamento sem ambiguidade. Só volto a ser um quando os outros interrompem o meu diálogo interior (VALLÉE, 1999, p.31).

O caráter dual e reflexivo tanto da atividade do pensamento quanto do sujeito pensante, tal como observa Catherine Vallée no trecho citado, é marcado pela ambiguidade e pela cisão dele em *dois-em-um*. Entretanto, se notamos que o pensamento não é aquilo que unifica o ser pensante, certamente é aquilo que o integra. Afinal, a partir da premissa socrática enunciada no *Górgias*¹ – e amplamente destacada por Arendt em sua concepção acerca do pensamento – de que é melhor estar em desacordo com o mundo inteiro do que, sendo um só, estar em desacordo consigo mesmo, vemos que no diálogo silencioso que o sujeito realiza consigo se deve buscar a integração, a harmonia entre os dois eus que lhe constituem.

Nessa perspectiva, Hannah Arendt afirma que o pensamento é a atividade que nos torna pessoa, que nos institui como alguém que dialoga consigo mesmo e que, portanto, não anda neste mundo à deriva dos seus acontecimentos. Isso significa que é porque penso que posso parar e conversar internamente comigo mesmo acerca do que me ocorre e do que acontece no mundo, examinando com profundidade os eventos e as pessoas que me cercam e com as quais me relaciono e elaborando uma opinião a respeito deles.

Dessa maneira, é possível dizer que a ação e o discurso² nos humanizam, isto é, nos agregam uma condição de humanidade singular para além de nossa mera existência animal como membros da espécie. O pensamento, por sua vez, nos constitui uma pessoa: integra-nos e permite que entremos em acordo com nós mesmos pelo diálogo de alguém que se cinde e torna-se *dois-em-um*. Assim, “[...] nesse processo de pensamento em que realizo a diferença especificamente humana da fala eu me constituo de modo explícito como uma pessoa, e vou continuar a ser uma pessoa na medida em que seja capaz dessa constituição repetidas vezes” (ARENDRT, 2004, p.160).

¹ Arendt toma a passagem do diálogo entre Sócrates e Cálicles no *Górgias* como uma das bases de seu conceito de *dois-em-um*, isto é, do estado do sujeito cindido na atividade do pensamento. Lá, Sócrates diz que, naquilo que lhe diz respeito, crê que “seria melhor para mim que a minha lira ou um coro que eu dirigisse fossem desafinados ou estridentes, com dissonâncias, e que multidões de homens discordassem de mim, do que eu, sendo um só, estivesse em desarmonia comigo mesmo e me contradissesse” (PLATÃO *apud* ARENDRT, 2004: 154). Dessa afirmação socrática, Arendt infere que “mesmo que eu seja um só, tenho um eu e estou relacionado com esse eu como o meu próprio eu [...] Se discordo de outras pessoas, posso me afastar; mas não posso me afastar de mim mesmo, portanto, é melhor que eu primeiro tente estar de acordo comigo mesmo antes de levar todos os outros em consideração” (2004: 154).

² Na concepção arendtiana, ação e discurso são as atividades humanas pelas quais revelamos *quem* somos e não apenas *o que* somos. Afinal, é quando nos expomos por meio de nossos atos e palavras que aparecemos para os outros em nossa singularidade. Nesse sentido, tais atividades nos humanizam por nos caracterizar como sujeitos e não somente como indivíduos pertencentes à espécie homo sapiens; ademais, a ação e o discurso têm como condição a própria pluralidade humana, isto é, o fato paradoxal de que o mundo é composto de seres pluralmente singulares e irrepetíveis.

O diálogo silencioso que esse sujeito cindido estabelece consigo mesmo quando está só o torna uma pessoa, um alguém capaz de ver, ouvir e falar consigo mesmo e com os outros sobre aquilo que se passa no mundo. Mas, afinal, sobre o que conversamos internamente na atividade do pensamento? Segundo Arendt,

o pensamento como uma atividade pode surgir a partir de qualquer ocorrência; está presente quando eu, depois de observar um incidente na rua ou me ver implicada em alguma ocorrência, começo então a considerar o que aconteceu, contando o fato a mim mesma como uma espécie de história, preparando-a, dessa maneira, para sua subsequente comunicação aos outros, e assim por diante (2004, p.158).

Com efeito, podemos pensar sobre tudo o que captamos por meio de nossos órgãos sensoriais e, ao lembrarmos-nos por meio da imaginação, somos capazes de reconstituir uma história do ocorrido para nós mesmos. Isso quer dizer que, como uma atividade que se dá em retrospectiva, o pensamento se aproxima da narrativa. A diferença é que, no empreendimento do pensar, contamos uma história a nós mesmos, tendo como interlocutor o outro eu que nos compõe.

O pensamento, pois, se dá pela lembrança de dados e eventos que se passaram. À medida que uma situação ocorre com o sujeito ou lhe chama a atenção, ele inicia um diálogo de si para consigo mesmo contando-se uma história acerca do ocorrido e seu ponto de vista do que se passou será dialogado internamente com o eu que ele traz em si. Dessa forma, conforme ele narra para si o que percebe do mundo, a perspectiva de onde o vê e o ouve e, em seguida, discute e examina consigo mesmo as imagens e sons que a ele aparecem e chegam ao lugar onde ele está, o sujeito pode deitar raízes nesse mundo. O encadeamento de eventos se dá dessa forma porque o processo do pensamento permite que ele se mova na dimensão da profundidade do lugar em que ocupa neste mundo.

Com isso, Arendt afirma que

pensar e lembrar [...] é o modo humano de deitar raízes, de cada um tomar seu lugar no mundo a que todos chegamos como estranhos. O que em geral chamamos de uma pessoa ou uma personalidade, distinta de um mero ser humano ou de um ninguém, nasce realmente desse processo do pensamento que deita raízes (2004, p.166).

Ora, nesse tornar-se pessoa por meio do modo humano de deitar raízes no mundo insere-se uma preocupação legitimamente educacional. Afinal, a educação é, em Arendt, o processo no qual inserimos as novas gerações no mundo pela transmissão e apresentação de nosso patrimônio histórico e cultural, buscando que elas possam se sentir em casa nesse mundo humano que transcende à nossa vida individual. Portanto, se deitar raízes no mundo é pensar no passado movendo-se na dimensão da profundidade (ARENDR, 2004, p.160) do lugar que o sujeito ocupa e, conseqüentemente, do lugar que os outros têm no mundo e de onde aparecem para ele, podemos dizer que educação e pensamento se interseccionam.

EDUCAÇÃO E PENSAMENTO: NOMEAR O MUNDO E FALAR SOBRE ELE PARA SI E PARA OS OUTROS

Na abordagem arendtiana, educação é o processo pelo qual inserimos jovens e crianças em nosso mundo e a eles legamos o patrimônio cultural historicamente acumulado de nossos antepassados. É, pois, por meio da educação que possibilitamos a familiarização dos recém-chegados a esse lugar que já existia antes de sua chegada e permanecerá após sua partida e que, por isso mesmo, nos transcende em nossas vidas individuais. Portanto, sob essa perspectiva, a educação constitui-se não somente pela dimensão da instrução, mas também por seu caráter formativo.

De acordo com Arendt, “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo” (2003, p.223). Desse modo, educamos porque temos um mundo humano que, por abrigar nossas histórias, herança cultural, significados, artefatos e saberes, cremos que precise ser conservado. Ao mesmo tempo, o mundo não é corroído pelo tempo porque novos sujeitos, totalmente singulares e únicos, nele ingressam continuamente, bem como o transformam.

Nesse sentido, além de apresentar o mundo em que vivemos aos mais novos, nos dedicamos a iniciá-los em nossos costumes e em nosso modo de vida. Eles são como estrangeiros, forasteiros recém-chegados que nós, como anfitriões do lugar, precisamos inserir em nosso mundo e contar-lhes sobre o que temos, o que somos, o que cremos, dentre outros. Isso é educar, na concepção arendtiana. E o que esperamos desse processo de iniciação dos novos integrantes é que eles, com o tempo, possam se sentir em casa e tomar posse do lugar que têm no mundo para que, futuramente, possam renová-lo com suas ações e seu modo singular de percebê-lo.

À semelhança de um estrangeiro que, ao chegar a outro país, desconhece as pessoas, os hábitos, as histórias, os lugares e a própria linguagem dos habitantes, assim são as novas gerações para aqueles que estão e são do mundo. Dessa maneira, a educação também é o processo no qual tentamos ordenar a existência caótica dos recém-chegados, mostrando-lhes o que há em nosso mundo e atribuindo algum significado, ainda que inicial, a tudo que aqui existe. Como componente do grupo dos mais velhos, o adulto, em “face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à [ela]: – Isso é o nosso mundo” (ARENDR, 2003, p.239)³.

Apresentar o mundo, em alguma medida, é falar sobre ele, nomear as coisas que lhe pertencem, contar histórias a seu respeito e de seus personagens. A escola e seus professores – representantes institucionalizados do mundo –, ao ensinar aos mais novos a entender a linguagem do mundo, ou seja, as histórias aqui produzidas, os discursos que por aqui circulam, as palavras que nomeiam os fenômenos que aqui ocorrem, os conceitos que aqui existem, ampliam o repertório de palavras que eles podem mobilizar e os assuntos sobre os quais eles podem conversar consigo mesmos e com os outros.

Assim, como uma atividade que é, o pensamento pode ser exercitado. Isso significa que, quanto mais me disponho a pensar, mais amplio a minha capacidade e o escopo de pensamento. E é do pensar, do diálogo silencioso que estabeleço de mim para comigo mesmo, que formulo opiniões sobre as coisas e o mundo. A opinião nada mais é do que a enunciação do pensamento em que, ao interromper a conversa com meu eu interior, posso estendê-la a outras pessoas.

Hannah Arendt retoma o diálogo platônico sobre o conhecimento, o *Teeteto*, em que Sócrates apresenta com clareza sua noção acerca do que é *dianoeisthai*, pensar em uma questão até esclarecê-la. Para o filósofo, *dianoeisthai* nada mais é que *dialegesthai*, isto é, pensar uma questão profundamente até chegar ao seu esclarecimento é, portanto, travar um diálogo com o espírito de modo a falar consigo mesmo até que a questão levantada seja esclarecida. Dessa forma, nesse diálogo em que o espírito a si faz perguntas que serão por si respondidas, “ele chega ao limite em que as coisas devem ser decididas, quando os dois falam igual e já não estão mais incertos, o que, então, estabelecemos como a opinião do espírito” (PLATÃO *apud* ARENDR, 2004, p.156). Sócrates prossegue esse raciocínio ao dizer que: “decidir e formar uma opinião é o que chamo de discurso, e a própria opinião é para mim uma

³ É importante ressaltar que esse caráter de *representante do mundo* a ser assumido pelo professor não implica a concordância com o mundo tal como ele é, mas sim o reconhecimento de que, embora o mundo possa estar repleto de coisas que reprovamos, ele ainda é nossa casa e o lugar em que estamos e somos parte, ao mesmo tempo.

afirmação falada, pronunciada não para outra pessoa e em voz alta, mas silenciosamente para si” (*ibidem*).

Nessa perspectiva, o falar sobre algo consigo mesmo até esclarecê-lo constitui a própria atividade de pensar. É nesse diálogo de mim para comigo que, ao suspenderem-se provisoriamente ou abrandarem-se as incertezas e estabelecer-se um acordo (entre eu e mim mesmo), se forma uma opinião, isto é, o discurso de uma afirmação. Assim, quando se institui uma opinião e ela é pronunciada, termina naquele momento o diálogo comigo e a cisão de mim em dois. Na enunciação do discurso, volto a ser um só que aparece e revela sua singularidade para os demais.

O pensamento, como dissemos, relaciona-se com o meu lugar singular no mundo, de onde apareço para os outros e da perspectiva de onde os percebo. Com isso, a opinião que formo a respeito do que se passa comigo e com os outros no mundo se liga diretamente ao exame interno feito daquilo que aparece e se parece para mim, a partir da dimensão vista. Em relação a isso, Arendt diz que,

para Sócrates, como para seus concidadãos, a *doxa* era a formulação em fala daquilo que *dokei moi*, daquilo que me parece. [...] Não era, portanto, fantasia subjetiva e arbitrariedade, e tampouco alguma coisa absoluta e válida para todos. O pressuposto era de que **o mundo se abre de modo diferente para cada homem, de acordo com a posição que ocupa nele;** e que a propriedade do mundo de ser o ‘mesmo’, o seu caráter comum [...], ou ‘objetividade’ [...], reside no fato de que o mesmo mundo se abre para todos e que a despeito de todas as diferenças entre os homens e suas posições no mundo – e conseqüentemente de suas *doxai* (opiniões) -, ‘tanto você quanto eu somos humanos’ (2002, pp.96-97)⁴.

É dessa abertura do mundo a cada sujeito que se configura a opinião – a enunciação em discurso do acordo interno obtido no diálogo silencioso de mim para comigo mesmo. A objetividade do mundo, pois, está no fato de que ele nos é comum e que abriga a todos nós. Porém, tal como os objetos do mundo que aparecem para todos e lhe conferem realidade, nós também aparecemos uns para os outros e revelamos nossa singularidade por meio de nossas ações, palavras e opiniões.

Como seres do mundo que somos, aparecemos aos outros continuamente e, nessa aparência, mostramos tanto nossa forma – características físicas – quanto expomos quem somos. Isto é, em nosso aparecimento, revelamos não somente aquilo que nos é dado, mas também nossa identidade e aquilo que queremos que seja visto pelos outros. Arendt diz que

as coisas vivas *aparecem em cena* como atores em um palco montado para elas. O palco é comum a todos os que estão vivos, mas ele *parece* diferente para cada espécie e também para cada indivíduo da espécie. Parecer – o parece-me, *dokei moi* – é o modo – talvez o único possível – pelo qual um mundo que aparece é reconhecido e percebido. Aparecer significa sempre parecer para outros, e esse parecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores (ARENDR, 2008, p.37).

A aparência de nosso caráter singular está necessariamente ligada à presença de pessoas que apreendam nossa revelação e a assimilem do ponto em que estão localizadas. Isso significa que a manifestação daquilo que nos é peculiar só é possível na medida em que nos expomos, ou seja, em que nos apresentamos aos outros e damos-nos a ver a partir de variadas perspectivas; afinal, cada sujeito que nos percebe no mundo o faz de um lugar diferente.

Dessa forma,

⁴ Grifos meus.

o processo de personalização ou de individualização confunde-se com o processo de abertura ao mundo. Paradoxalmente, é ao sair de si, é ao abrir-se à alteridade do mundo que o indivíduo se abre a si próprio; e a personalidade individual de cada um pode, por conseguinte, ser definida como *abertura singularizada ao mundo* (ROVIELLO, 1997, p.20).

Essa *abertura singularizada ao mundo* nada mais é do que a forma singular com que aparecemos e nos apresentamos aos demais. Nesse sentido, ao enunciarmos nossas opiniões, interrompemos nosso diálogo interno e nos expomos aos outros revelando quem somos e o que pensamos.

De acordo com Arendt, a realidade de uma coisa dá-se, em sua aparência, aos sentidos daqueles que a veem. Portanto, o mundo com tudo aquilo que a ele pertence torna-se real a partir dos diversos ângulos em que é visto; é no intercâmbio dos variados pontos de vista que o mundo pode ser comum a todos nós. O mundo só pode ser compartilhado na medida em que trocamos nossas impressões sobre ele por intermédio do discurso, da circulação da palavra.

Em nosso entender, este é um ponto crucial para a educação: o compromisso em propiciar maneiras pelas quais as novas gerações possam apreender o mundo da forma mais real possível, ou seja, possam compartilhar visões sobre o mundo provenientes de ângulos diversos. E mais: possam expor e intercambiar opiniões, as quais revelam não apenas quem é cada um desses sujeitos, mas também o lugar de onde falam, pensam e interpretam o mundo.

Não se trata, portanto, da escola e do professor assumirem a posição do *formador de opinião*, ideia essa que é uma contradição em si. Afinal, a opinião é o produto do processo de reflexão de mim para comigo mesmo em um diálogo que, para tornar-se uma afirmação falada, precisa ter um término e um acordo ainda que provisório. Ou seja, a opinião não é algo externo que institui um governo sobre mim e meus pensamentos. Pois, se assim o fosse, não se trataria de um diálogo, mas de uma tentativa violenta de doutrinação.

Quando a opinião própria é enunciada para outras pessoas, estabelece-se um diálogo ou um debate em que argumentos e pontos de vista diferentes são expostos. Nesse processo, é possível que o sujeito seja persuadido ou que até coloque em xeque a opinião que tinha. No entanto, apenas ao se recolher consigo mesmo e ao estar só novamente ele pode cindir-se em dois, estabelecendo um novo diálogo interno para o qual trará outros elementos e perspectivas que serão submetidas a exame. Por isso, a opinião e o pensamento não são estáticos, mas compõem um processo interminável de reflexão que culmina na elaboração de uma afirmação que será enunciada e em outro momento reavaliada e reelaborada.

No que diz respeito a esse duplo modo de falar – discurso e pensamento – que, por um lado, nos humaniza e nos permite revelar nossa singularidade e, por outro lado, possibilita que deitemos raízes no mundo, Arendt assevera que

para Sócrates, o homem ainda não é um ‘animal racional’, um ser dotado com a capacidade de razão, mas um ser pensante cujo pensamento manifesta-se na maneira de falar. Até certo ponto, essa preocupação com o falar já existia para a filosofia pré-socrática, a identidade entre fala e pensamento, que, juntos, constituem o *logos*, talvez seja uma das características importantes da cultura grega. O que Sócrates acrescentou a essa identidade foi o diálogo de mim comigo mesmo como a condição primeira do pensamento (2002, p.104).

Ora, se entendermos *logos* nessa acepção – daquilo que concerne à palavra –, podemos dizer que a educação assume como princípio o aperfeiçoamento da fala: no discurso e no pensamento. Pois, o discurso permite a revelação do sujeito e a enunciação de sua opinião – do modo singular como o mundo se abre para ele – e o pensamento aciona o eu interior, na cisão desse sujeito em *dois-em-um*, para um diálogo silencioso.

Em uma breve analogia, a educação, principalmente escolar, avoca para si uma função amplificadora, no sentido de aumentar e fazer aparecer uma multiplicidade de vozes que representam pontos de vista diferentes acerca do mundo. Além disso, assume também uma função equalizadora, no que diz respeito à tentativa constante e interminável de reduzir as distorções dessas falas e das opiniões dos próprios alunos, ou seja, as contradições que nelas possa haver – o que não quer dizer corrigir tais opiniões com vistas ao alcance de uma resposta final e certa, mas sim, submetê-las continuamente a exame.

Isso não significa, porém, que haja nessa relação alguma metodologia específica que preconize uma educação para o pensamento nem que ateste a garantia de que formaremos sujeitos mais ou menos *pensantes*. O que se pretende é refletir sobre uma educação que se comprometa com uma apresentação multifacetada do mundo e que permita que se possa falar dele com os outros criando, assim, condições para que se fale dele também para si e consigo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, a opinião emana da atividade do pensar, no entanto, não podemos concebê-la como aquilo que o orienta. Afinal, sabemos que a opinião nada mais é do que a enunciação do acordo estabelecido na conversa interna de mim para comigo mesmo. Além disso, não se trata de algo imutável nem universalmente válido, pois, quando exposta para os outros pelo discurso, a opinião é passível de ser debatida, repelida ou complementada. Dessa maneira, a partir do intercâmbio entre diferentes opiniões, posso mais uma vez, estando só, cindir-me em dois e reiniciar o diálogo comigo com vistas a examinar a mesma questão, mas, agora, enriquecida com outras perspectivas.

Desse modo, poderíamos nos indagar acerca do que direciona o pensamento, ou mais especificamente, daquilo que o move. Arendt nos diz que o “pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde pode obter orientação” (2003, p.41). Isso significa que o pensamento não possui um *telos* propriamente dito, mas se orienta em detrimento da experiência vivida, considerando que se dá em retrospectiva.

Contudo, ainda que o pensamento se debruce sobre a experiência que se passou, ela, por si só, não é aquilo que o inspira – visto que a lembrança de acontecimentos passados é condição para pensar. A lembrança e a imaginação são o que tornam a atividade do pensamento possível, tal como a própria ocorrência da experiência.

Assim, no que tange a essa relação entre pensamento e experiência, Hannah Arendt afirma que “todo pensamento deriva da experiência, mas nenhuma experiência produz significado ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginação e pensamento. Do ponto de vista do pensamento, a vida em seu puro estar-aí é sem sentido”. (2008, p.106). Desse modo, o que move o pensamento é a busca de significado da experiência vivida, bem como dos acontecimentos do mundo.

O pensamento, em Arendt, é o que ilumina e dá sentido à experiência e, por isso, deve estar ligado à realidade, àquilo que se passa conosco e com os outros no mundo. Essa busca de significado não se encerra quando se forma uma opinião ou quando se consegue atribuir alguma coerência ao passado; ela é constante, pois “o pensamento é, de alguma forma, autodestrutivo [...] Daí se depreende que [ele] é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior”. (2008, pp.106-107).

Nessa perspectiva, como atividade que é, o pensamento sempre está em movimento: pronto para constituir um acordo provisório entre o *dois-em-um* que o sujeito pensante se cinde e, em seguida, pronto para destruí-lo quando confrontado com outra opinião ou simplesmente submetido a novo exame interno. E, assim, em seu ímpeto contínuo de atribuir

sentido à experiência vivida e aos acontecimentos, o pensamento se avizinha à atividade da compreensão.

Na concepção arendtiana, “a função da mente é compreender o acontecido”, pois o “verdadeiro fim [do homem] é estar em paz com o mundo” (2003, p.34). É, pois, na busca interminável do significado dos acontecimentos que podemos compreendê-los e, então, nos conciliarmos com o mundo, tornando-o nossa casa.

Se no pensamento buscamos um acordo com nós mesmos, na atividade da compreensão a busca do acordo é com o mundo. A compreensão é a tentativa constante e interminável de conciliação com o mundo que, embora tenha sido palco de coisas horríveis, as quais nós não gostaríamos nem de lembrar – tais como as guerras, o totalitarismo, as inúmeras situações de injustiças sociais –, ainda é o lugar em que estamos e do qual fazemos parte. Porque somos do mundo, precisamos tentar, constantemente, nos sentir em casa.

Mesmo que o mundo seja repleto de coisas que reprovamos, de acordo com Arendt, temos que buscar a conciliação com ele enquanto vivermos para que, desse modo, possamos nos sentir menos estrangeiros, apesar de sabermos que jamais nos assimilaremos completamente a tal mundo. Isso é assim porque, como seres singulares que somos, sempre permaneceremos um pouco forasteiros. Entretanto, apenas quando tomamos nosso lugar no mundo e tentamos fazer dele nossa casa é que podemos por ele nos responsabilizar.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. Filosofia e política. In: *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. pp.91-115.

_____. Prefácio: A quebra entre o passado e o futuro. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003. pp.28-42.

_____. Algumas questões de filosofia moral. In: *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. pp.112-212.

_____. O pensar. In: *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. pp.17-260.

ROVIELLO, Anne-Marie. *Senso comum e modernidade em Hannah Arendt*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

VALLÉE, Catherine. *Hannah Arendt: Sócrates e a questão do totalitarismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CRISLEI DE OLIVEIRA CUSTÓDIO

Doutoranda em Educação, Mestre e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É bolsista CAPES e membro integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Educação, ligado ao departamento de Filosofia e Ciências da Educação da FE-USP. Contato: crislei.paula@usp.br